

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Soffa
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

FUTEBOL

Carlos Nolasco

O futebol é das mais importantes expressões do mundo contemporâneo. É disputado à escala global com tal intensidade que, em alguns países, ocorre até um processo de futebolização da vida social e política. Na essência, o futebol é um jogo lúdico, com linguagem, representações e contingências próprias, repetindo-se estes elementos em todos os jogos – independentemente de se assistir a um jogo disputado na rua ou no mais sofisticado dos estádios. A Fédération Internationale de Football Association - FIFA, entidade que gere o futebol a nível mundial, constitui das mais relevantes organizações internacionais, seja pela quantidade de países associados ou pelo valor orçamental que movimenta, seja pela forma como mercantilizou o futebol e o promoveu à escala planetária. De um jogo simples, disputado por duas equipas, baseado na emoção identitária, o futebol tornou-se num produto complexo pelas múltiplas dimensões que foi acumulando, convertendo os clubes em empresas, os dirigentes em gestores, os jogadores em trabalhadores/mercadorias e os adeptos em clientes – num processo em que para além dos resultados desportivos se procuram maximizar ganhos financeiros e dividendos políticos, potenciados pela comunicação social e pelas transmissões televisivas. Para além do olhar encantado e romântico sobre o jogo, as jogadas e os jogadores, o futebol metamorfoseou-se com a economia, adulterou-se com a política e frustrou-se com a violência, o racismo, a xenofobia e o sexismo.

A paragem do futebol por efeito da pandemia de COVID-19 tornou manifesto o excessivo espaço mediático ocupado pelo jogo e seus derivados, revelando que é possível a sociedade existir sem esse futebol dominante e tudo o que lhe é inerente. Enquanto produto hegemónico, o futebol – essencialmente o de alta competição – tem de se recriar sobre um modelo económico aparentemente esgotado. Um outro futebol é possível, mas para que tal suceda é necessária uma lógica que – ao invés do mercado – privilegie a ética desportiva, previna a dopagem e a violência, e privilegie o *fair-play* bem como uma ética social que impeça racismo, xenofobia, discriminação, corrupção e promova a integração. Considerando a relevância social do futebol, a gestão deste desporto por entidades privadas nacionais e internacionais não pode ser acrítica por parte dos poderes públicos, pois obriga a uma vigilância da sua utilidade pública desportiva e de todas as práticas institucionais que lhe são inerentes – e que vão desde a gestão dos direitos televisivos, ao comportamento dos adeptos, passando pela mercantilização das transferências internacionais de jogadores. O futebol permite uma outra gramática da dignidade humana, mas para que tal suceda é importante que todos os agentes futebolísticos, a começar pelos jogadores, tenham um comprometimento social que se traduza em assunções políticas e de defesa de valores. Um futebol que se emancipe dos grandes estádios e procure formas alternativas de jogo – como por exemplo o futebol de rua, o futebol popular e amador –, formas inclusivas, desinteressadas e emancipadas de jogar.